

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM INSTITUIÇÕES FEMININAS DE ENSINO E ASSISTÊNCIA NO BRASIL E EM PORTUGAL: UM ESTUDO COMPARADO (1903-1930)

MIRIAM FERNANDES MURAMOTO*

Resumo: *A Casa da Divina Providência, bem como o Colégio D. Pedro V, foram, durante o período analisado neste capítulo, estabelecimentos de Ensino Particular, subvencionado pelos Governos locais. O objetivo da criação versava na mesma perspectiva, a educação de meninas, geralmente pertencentes a famílias das classes pobres. Essa educação que se baseava no pressuposto que, antes de tudo o mais, essas meninas deviam ser preparadas para ser donas de casa assentava em alguns pilares educativos fundamentais — a disciplina, a obediência, a modéstia, a religiosidade (devido a pertença a uma congregação religiosa). Além de caracterizar parte do funcionamento da escola, como se deu sua instalação, procurei analisar parte da educação que era oferecida para essas meninas e com qual finalidade, tendo como referências as fontes documentais oficiais analisadas, bem como o referencial teórico educacional e religioso que embasam o discurso vigente para o momento.*

Palavras-chave: *Instituição educacional; Cultura escolar; Práticas educativas; Educação católica.*

Abstract: *The House of Divine Providence as well as the D. Pedro V College were, during the period analysed in this chapter, private education establishments, subsidised by local governments. The objective of creation was in the same perspective, the education of girls, usually belonging to families of the poor classes. This education, which was based on the assumption that, first of all, these girls should be prepared to be housewives, was founded on some fundamental educational pillars — discipline, obedience, modesty, religiosity (due to belonging to a religious congregation). In addition to characterising part of the functioning of the school, as was its installation, I tried to analyse part of the education that was offered to these girls and for what purpose, having as references the official documentary sources analysed, as well as the theoretical educational and religious framework that underpin the current discourse for the moment.*

Keywords: *Educational institution; School culture; Educational practices; Catholic education.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é proceder a uma reflexão sobre os procedimentos teóricos e metodológicos adotados durante a pesquisa realizada para elaboração da minha tese de doutorado. Nesse sentido, optei por revisitar as teorias adotadas, a variedade de fontes utilizadas, as categorias de análise, e as soluções possíveis às questões que se apresentaram.

Tendo como título *As práticas educativas em instituições femininas de ensino e assistência no Brasil e em Portugal: Um estudo comparado (1903-1930)*, este estudo faz parte das investigações realizadas para o doutoramento no Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Carlota Boto e no estágio

* Doutoranda em História da Educação, Universidade do Porto. Email: miriam.usp@hotmail.com.

de pesquisa realizado em Portugal, mais especificamente na cidade de Braga, orientado pelo Prof. Dr. Rodrigo Azevedo. Produzido no interior desses dois grupos interessados em laços históricos estabelecidos entre os países, que dialogam a partir de estudos que contemplam experiências educativas de professores e das legislações educacionais brasileira e portuguesa.

Durante o período de doutoramento, diversas foram as leituras que produziram as condições de elaboração do objeto, por meio da identificação e significado das fontes, da discussão a respeito da teoria e metodologia, ajudando a pensar, transformar e afirmar o objeto de pesquisa. Destaco a importância de unir a contribuição dessas leituras na tese que trata de analisar as práticas educativas em duas instituições de educação feminina, uma no Brasil e outra em Portugal.

Esta investigação vem sendo construída na intersecção entre estudos do campo da história da educação e de estudos da história das instituições escolares — fronteiras que se permeiam no interior da história. Por meio da interpretação do material empírico, tenho buscado operar com alguns conceitos, principalmente a noção de civilização de Norbert Elias, a operação historiográfica de Michel de Certeau e a perspectiva metodológica da micro-história, sobretudo as formulações de Carlo Ginzburg.

O OBJETO DA PESQUISA

Trata-se de uma investigação que tem como objetivo construir uma narrativa histórica numa perspectiva de comparação sobre a instalação, inserção e contribuições da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência no contexto socioeconômico e cultural da cidade de São Paulo, no período de 1903 a 1930 e o Colégio D. Pedro V, localizado na cidade de Braga, Portugal no mesmo período.

O foco da pesquisa está em conhecer e analisar as propostas de assistência e educação ofertadas às crianças desvalidas e pobres acolhidas nesses asilos, eminentemente católicos. Nesse sentido, buscou-se analisar as motivações da criação destas instituições, como se deu o funcionamento e organização. Outra dimensão fundamental foi o de identificar e conhecer quem eram os sujeitos atendidos. Preocupei-me ainda em recuperar a historicidade dessas instituições, analisar a formação religiosa das crianças que ocorria ao lado da instrução pedagógica. Tendo em vista o que foi anteriormente exposto, tenho buscado entender a educação como um processo multivetorial e continuado de (in)formação e de desenvolvimento da pessoa e, realiza-se por uma interação «consciente» das questões humanas e sociais, num permanente equilíbrio¹.

Pretendeu-se, assim, um estudo comparado entre uma instituição brasileira e uma instituição portuguesa. Esses trabalhos cotejados entre duas instituições escolares em ambientes socioeconômicos diferentes são de relevância ímpar para o campo da História

¹ MAGALHÃES, 2004.

da Educação. Em diálogo com o professor Rodrigo Azevedo, este, profundo conhecedor da história das instituições assistenciais em Portugal, assinalou a existência de uma instituição ainda não estudada na cidade portuguesa de Braga. Sendo assim, ao aproximar as práticas educativas associadas aos sistemas educativos dirigidos por congregações religiosas nas primeiras décadas do século XX, numa perspectiva comparada, de lá e de cá, buscarei conexões entre os sistemas de ensino dessas cidades. Que relações são possíveis de serem verificadas entre a cultura escolar das cidades de Braga e de São Paulo?

Assim, iniciei a pesquisa documental do doutorado pela construção de dois quadros: um sobre a Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência e outro sobre o Colégio D. Pedro V. Foram muitos dias no Arquivo do Colégio D. Pedro V de pesquisa em relatórios, livros de matrículas, regulamento, estatuto, entre outros documentos, e tantos outros dias no Arquivo Metropolitano da Cúria do Estado de São Paulo e no Arquivo da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, analisando o mesmo tipo de espécies documentais. Neles, sistematizei informações referentes às duas instituições. Na tentativa de, após profunda análise, encontrar suas similitudes e suas rupturas.

As informações iniciais da pesquisa incentivaram-me a vasculhar arquivos recolhendo fontes de diversas espécies a fim de encontrar caminhos, confirmar perspectivas teóricas, testar hipóteses, experimentar teses com o objetivo de discutir e refletir sobre a educação e a escola daquele tempo no Brasil e em Portugal. Abriram-se diversos caminhos e possibilidades de verificação do debate a respeito das condições e necessidades das escolas e dos seus atores sociais. O conjunto de fontes, tanto no Brasil como em Portugal, constituem bases importantes e instigantes para o desenvolvimento desse estudo, combinadas à bibliografia específica sobre o objeto, o lugar e o tempo da pesquisa proposta.

As fontes que utilizo para fundamentar as análises definidas para esta pesquisa são: no caso da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, fotografias, Regimento interno, Estatuto, compêndio de civilidade, cartas (compiladas em livro da Congregação), e, ainda muita documentação avulsa; no caso do Asilo D. Pedro V: livros de atas da Direção, livros de matrícula das alunas internas e das pensionistas, copiadores da correspondência recebida e expedida, regulamentos internos, entre bastantes documentos avulsos.

O arquivo do Asilo da Divina Providência está repartido entre a Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência e o Arquivo da Cúria Metropolitana do Estado de São Paulo.

No tocante à Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, as fontes centrais são os documentos do Arquivo Municipal da Cúria Metropolitana do Estado de São Paulo, as ocorrências sobre a instituição nos periódicos de São Paulo disponíveis na Hemeroteca Digital e as Atas da Câmara Municipal de São Paulo, cobrindo o período entre as décadas de 1900-1930.

Do Arquivo da Cúria Metropolitana, pesquisei nas pastas «A-40» e «A-41». Na primeira, foi reunida a documentação diretamente relacionada com a instituição, desde ofícios escritos por inspetores de higiene, cartas trocadas entre o Arcebispo de São Paulo e a Madre Superiora, cartas das alunas, cartas da diretora da instituição, até recortes de jornais que noticiavam as condições da instituição até o ano de 1926. Nesses documentos é possível acessar indícios sobre o cotidiano da instituição. Já a série A-41, trata-se de uma documentação que cobre desde o início de 1926 até o ano de 1940, é abundante e catalogada de um modo bastante genérico, exigindo a pesquisa dos diversos documentos para localização das fontes.

É altamente relevante destacar que no caso da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência grande parte das fontes citadas acima foi organizada pelos membros da mesma, no período do processo de beatificação da Madre Superiora Teresa Grillo Michel, portanto o acervo encontrado tem uma lógica específica, provavelmente seguindo orientações do Vaticano, utilizadas nestes casos.

No caso da instituição situada em São Paulo, para apreender os espaços sociais ocupados, e suas relações com as demais esferas da sociedade, estou investigando em fontes da imprensa periódica. Tal possibilidade é decorrente da recente disponibilização de periódicos do século XX na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital.

Visando compreender as propostas de assistência e educação implementadas no âmbito destes asilos, foram analisados os Regimentos internos das instituições e os seus respectivos Estatutos. Esses documentos constituem-se em importantes fontes que possibilitaram a problematização, no que tange às propostas dos asilos e à reflexão acerca de como estas meninas eram recolhidas, assistidas e educadas. Na análise dessa documentação, tornou-se necessário considerar o alerta de Faria Filho e Vidal² para o fato de essa documentação se tratar de um conhecimento produzido e, portanto, em contínua aproximação do real; o que implica que pode ser revisto, acrescido e até substituído por novos conhecimentos³.

É necessário atentar-se para o fato de, no que se refere às fontes históricas pertencentes aos arquivos das instituições, serem documentos selecionados e quantas vezes filtrados, mesmo através de eliminação específica do considerado inconveniente para olhos estranhos, pelas dirigentes da mesma. Esses textos são de interesse das próprias instituições que anseiam transmitir uma determinada imagem de si para a construção de uma memória; trata-se então de um «conteúdo controlado»⁴; embora, no caso português, seja, em grande parte, documentação sob modelo padronizado e imposto obrigatoriamente pelo Estado.

² FARIA FILHO, VIDAL, 2000.

³ FARIA FILHO, VIDAL, 2000: 101.

⁴ LEONARDI, 2008: 25.

A instituição dispõe de um pequeno acervo fotográfico, que trata do período estudado, podendo ser utilizado para análise das atividades educativas e eventos sociais que ali tiveram lugar, desfrutando então o potencial pesquisador de uma visão fac-símile do que ocorria ali em uma gama de importantes ocasiões.

Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, mergulhando em seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo⁵.

As fotografias também são testemunhas e ajudam o pesquisador a compreender a cultura escolar, o processo educacional e a história das Instituições educacionais. Segundo Lopes:

As fontes estão aí, disponíveis, abundantes ou parcas, eloquentes ou silenciosas, muitos ou poucas, mas vemos, pelos trabalhos que são realizados, [...], mas também indisponíveis, pois compete ao pesquisador ir atrás delas, fazendo isto após a escola e problematização de um problema, que irá determinar quais fontes a serem buscadas⁶.

Em História da Educação, as fontes devem ser buscadas nos escritos, nas ilustrações, nas imagens, fotografias, materiais didáticos, diários de classe e em tudo o que for possível, objetivando uma crítica contundente, que possibilite a elaboração de «novos problemas, novos objetos e novas abordagens» de investigação histórica⁷.

No processo de implantação e edificação dos seus colégios e congregações no Brasil, as freiras produziram uma vasta documentação, entre crônicas e cartas que fornecem ricas fontes em que é possível perceber as bases da construção de uma rede religiosa e educativa pela qual circularam práticas de como rezar, pregar, educar, formar, civilizar, bordar, cantar, cozinhar, entre outras. Tais formas prescritas em discursos relacionavam-se à educação da mulher e às práticas de civilidade, como é o caso das práticas de etiquetas para conter e refinar comportamentos. E, para entender essa pretensa forma de civilizar institucionalizada, tomarei como fonte o *Compêndio de Civilidade* encontrado no Arquivo da Divina Providência.

Buscando ocupar uma posição de importância entre os livros estudados nas escolas, o *Compêndio de Civilidade* publicado pelos Salesianos e adotado pelas Pequenas Irmãs da Divina Providência no início do século XX propunha que a sua aplicação fosse entregue à responsabilidade dos professores mais hábeis, sugerindo a metodologia de uso que via

⁵ LEONARDI, 2008: 25.

⁶ LOPES, 1986: 78.

⁷ NUNES, CARVALHO, 1993: 35.

como mais adequado⁸. Tais professores, em vez de fazerem conferências ou preleções, devem explicar passo a passo o *Compêndio*, fazer dele um catecismo cívico-moral, mandar decorar em resumo os preceitos gerais, acompanhar a aula teórica com as lições práticas em que se façam movimentos e entabulem diálogos, se manuseiem objetos etc.; e tudo isso repetido até se formar na criança e no jovem o hábito de civilidade.

Nos 5 capítulos do *Compêndio* que discutem os deveres, estão elencados os seguintes: Deveres para com Deus; para com os pais; para com os superiores; para com todos; e para consigo mesmo. Já os 30 capítulos que dizem respeito aos procedimentos orientam quanto aos seguintes modos de proceder: na igreja, na aula, na sala de estudos, na mesa, na conversação, nos recreios, fora de casa, nas visitas, nas reuniões, teatros e atos acadêmicos, no asseio ao vestuário, porte e hábitos pessoais na saudação, nas viagens, como hóspede. Desses capítulos, um deles é dedicado aos procedimentos específicos dos rapazes, enquanto um outro aos procedimentos das meninas.

No que diz respeito ao caso de Portugal, o Arquivo do Asilo D. Pedro V está guardado no Lar D. Pedro V, de Braga, situado na Av. Central, 144. No tocante a esse asilo, o Arquivo se revela organizado de forma exemplar, bem cuidado e conservado. Para o complementar serão pesquisados a correspondência e relatórios a ele relativos existentes no Fundo do Governo Civil de Braga, depositados no Arquivo Distrital de Braga.

De posse desses documentos encontrados nos respectivos Arquivos e relacionando-os com o referencial teórico, farei um cotejamento na tentativa de construir essa narrativa histórica proposta em nossa pesquisa. Especificamente no caso da pesquisa aqui desenvolvida, esses documentos encontrados nos arquivos já descritos se constituem em uma das principais fontes que serão analisadas largamente, pois pode-se aferir que os mesmos contêm muitas informações de total relevância para a pesquisa. Almejo, assim, suscitar uma reflexão capaz de auxiliar na compreensão dos fatos e abrir novas possibilidades de interpretação e reflexão.

À medida que o historiador formula suas questões, as fontes podem se constituir um problema, pois talvez não respondam à questão formulada, provocando uma reviravolta no processo de pesquisa. Conforme Hobsbawm: «É bem verdade que logo que nossas perguntas revelam novas fontes de material, elas mesmas criam grandes problemas técnicos: às vezes demais, às vezes não o suficiente»⁹. As fontes são essencialmente importantes no campo da história das instituições educacionais, sobretudo porque são expressões da materialidade, representação, apropriação dos sujeitos e grupos sociais.

⁸ *Compêndio de Civilidade para uso das famílias e dos Institutos Educativos de São Paulo Escolas Profissionais do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*, 1916: 4.

⁹ HOBSBAWM, 1990: 22.

Afonso, Azevedo e Sarmiento apontam que

qualquer instituição gera um património arquivístico ímpar [...] que frequentemente está ligado à sua conservação física, à historiografia dessa instituição, já que, findo ou pelo menos limitado o uso administrativo de certos conjuntos documentais, é justamente a investigação histórica que os viabiliza»¹⁰.

A pesquisa sobre as Instituições Educacionais enfrenta os mesmos obstáculos que qualquer investigação no âmbito documental: são comuns as precárias condições de conservação dos arquivos e acervos, o descarte de agendas, livros, fotos, diários de classe e, quando muito, encontra-se um conjunto de documentação dispersa, muitas vezes em processo de deterioração, guardado nos «arquivos mortos», amontoados de papéis em caixas velhas, colocados em porões ou salas, onde se joga «tudo que não serve», entregues à poeira e à umidade, fungos, cupins e traças.

No dizer de Azevedo:

Muitos dos materiais sobre os quais o historiador da Educação pode operar encontram-se encerrados, envolvidos pela poeira ou corroídos pela humidade e pelos parasitas, em instalações sem o mínimo de condições. [...] Tal deve-se, em alguns casos, a uma linear incúria, mas, a maior parte das vezes, as razões são bem diversas: inexistência em muitas das instituições detentoras de arquivos de quem possua conhecimentos técnicos para os tratar convenientemente; falta de espaços que possibilitem uma instalação digna e correta¹¹.

O historiador navega exatamente entre a consciência da gravidade de suas escolhas e a teoria impossível, segundo a qual a história seria uma compilação objetiva de fatos. A sensatez deve imperar na sua pesquisa, nas suas escolhas, no seu contexto, na análise criteriosa das fontes, no cotejo entre a micro, a meso e a macro-história. O arquivo, não pode transformar-se, para o pesquisador, num labirinto onde se perde, ou numa floresta intransponível. Ele tem que fazer escolhas responsáveis, aprender a escolher e desbravar caminhos e a construir, com alicerces firmes, o seu objeto de estudo, objeto esse a que deve dar um sentido e transformar em algo de leitura inteligível para todos os que lerem o trabalho que virá a publicar.

¹⁰ AFONSO, AZEVEDO, SARMENTO, 2018: 55.

¹¹ AZEVEDO, 1993: 197.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa em história da educação, com uma série documental constituída pelo levantamento de fontes, exige reflexões acerca da operação historiográfica, para as quais podemos contar com as contribuições de Michel de Certeau¹² e Carlo Ginzburg¹³. O trabalho do historiador consiste em diversas operações, tais como a delimitação de um recorte espaçotemporal, a análise das fontes propriamente ditas e a construção de hipóteses e procedimentos de verificação das mesmas. Todo esse fazer deve levar em consideração que a história não recupera o passado tal e qual, ou seja, que não existe uma coincidência entre passado e objeto histórico, mas que a história é construída e se constitui como saber crítico apoiado em suas técnicas e operações específicas¹⁴.

Nesse sentido, optei por revisitar as teorias adotadas, a variedade de fontes utilizadas, as soluções possíveis às questões que se apresentaram. Diversos autores, como Boto, Vidal, Gondra, Elias, Escolano Benito, Gruzinski, Magalhães, Azevedo, entre outros, enriquecem o debate no diálogo entre a teoria e a massa documental analisada, orientando a leitura a respeito do tema, redefinindo caminhos, alertando sobre as possibilidades e limites das fontes, colaborando, desta forma, para a compreensão e construção do objeto de pesquisa.

A documentação levantada foi concebida nas décadas iniciais do século XX, no âmbito da Primeira República, tanto no Brasil como em Portugal. Na pesquisa busco destacar os modelos educativos, tendo como principal fonte os Regulamentos e Estatutos das instituições, a partir da qual pude constituir um núcleo documental bastante completo e um roteiro de leituras que possibilitem estabelecer um enquadramento mais preciso da fonte, bem como do conjunto de elementos aos quais essa documentação permite perceber.

Assim, este estudo pretende construir uma compreensão, mesmo que parcial, da composição do pensamento educativo das instituições educacionais brasileira e portuguesa, com a identificação das culturas materiais escolares nos dois países e das possíveis conexões entre elas, apreendendo a circulação de pessoas, ideais e objetos pedagógicos no período em questão.

Nessa perspectiva, sigo as contribuições trazidas pela história cultural, trabalhando com as categorias civilização, cultura escolar, cultura material escolar, circulação e história conectada com foco nas pessoas, objetos e modelos pedagógicos, e ainda a operar com a categoria instituição escolar.

Seguindo na esteira dessa reflexão, a pesquisa nos aproxima do pensamento de Norbert Elias¹⁵, principalmente em relação aos manuais de civilidade e ao «processo

¹² CERTEAU, 1994, 2008.

¹³ GINZBURG, PONI, 1991; GINZBURG, 1989, 2006.

¹⁴ CERTEAU, 2008.

¹⁵ ELIAS, 1993, 1994.

civilizador» que marcou a sua obra mais importante, e foi investigada empiricamente em manuais que normatizaram o comportamento social, desde o século XI até meados do século XVII, na Modernidade.

Buscarei sustentar as análises a partir do conceito de civilidade como elemento protagonista nas atividades pedagógicas das instituições estudadas. Para tanto, abordamos neste trabalho Civilidade como um conjunto de normas e preceitos constituídos pela sociedade com o fim de normatizar e regulamentar comportamentos, os quais devem ser seguidos pelo indivíduo nos espaços públicos e privados.

De acordo com Vidal¹⁶, o surgimento da categoria *cultura escolar* alargou os estudos sobre o sujeito, a escola e as práticas efetivadas, apontando para os fatos até então desconhecidos pela história da educação. De certa forma, a categoria, assim como o conceito de cultura, engloba uma série de aspectos, provocando um debate intenso em torno do seu entendimento, no interior do qual os historiadores constroem e reconstróem a todo instante essa formulação.

Elencando as questões a respeito da cultura escolar, destaco ainda o que poderíamos considerar como *cultura material escolar* e o uso dessa categoria para a percepção das condições em que se deu o processo de escolarização nas cidades consideradas na tese. Nesse sentido, Felgueiras¹⁷ sugere o uso da categoria para dar conta do espaço, do mobiliário, dos materiais de ensino e da aprendizagem, entre outros que ajudam a qualificar o espaço escola, as práticas que nele tomam lugar. Para a autora, o exame da materialidade escolar tornou-se, assim, fundamental para a apreensão da circulação dos objetos e ideias pedagógicas e para a percepção das histórias conectadas, à medida que sinalizam os usos e sentidos dados a cada objeto, ou ideia pedagógica nos diferentes lugares de observação.

Os escritos de Escolano Benito¹⁸ oferecem um conjunto de reflexões acerca do valor patrimonial da cultura material da educação, como ele se constitui como objeto historiográfico, sobre os modos de aproximação metodológica a seu encargo e sobre o papel que a memória da escola pode desempenhar na educação cívica e crítica da cidadania. Nestes materiais residem provavelmente certos testemunhos da gramática de escolarização, de que alguns autores falam, um código invisível, porém regrado, que faz com que a cultura escolar seja, em parte, uma ordem sistêmica e relativamente coesa e estável, expressando um tempo do *habitus* profissional de quem ensina e dos estereótipos com que se socializam os sujeitos. No que se refere ao patrimônio material da escola como cultura, o autor nos alerta:

¹⁶ VIDAL, 2005.

¹⁷ FELGUEIRAS, 2005.

¹⁸ ESCOLANO BENITO, 2010.

A cultura material da escola é uma espécie de registro objetivo da cultura empírica das instituições educativas, diferentes da acadêmica e da política. Ela pode ter valor por seu expoente visível, e traz em sua leitura o efeito interpretado, dos seus signos e dos significados que exibem o que chamamos de «objetos-memória», assim como as representações que os replicam e os acompanham, fontes intuitivas e manejáveis nas quais a tradição pedagógica ficou materializada.

A cultura material remete às experiências de sociabilidade, desde que a educação obrigatória se expandiu, em virtude justamente dos objetos da educação formal e suas representações iconográficas, a cultura material juntamente com a cultura imaterial, alcançam um notório interesse público, e se constitui, portanto, no objetivo central para as estratégias de recuperação e exibição de um patrimônio que se precisa preservar, estudar e difundir.

Ao tratar sobre a cultura material da escola como objeto historiográfico, Escolano Benito coloca que a escola nos oferece ferramentas que são o reflexo de sua cultura empírica, da sua tradição corporativa, particular do professor, e também, em parte, dos discursos teóricos e normativos que são projetados sobre a educação formal.

A cultura material deve ser valorizada pela nova historiografia educativa, pois é uma fonte essencial para o conhecimento do passado da escola, em suas dimensões práticas e discursivas. Nestas materialidades estão impressas as práticas da cultura empírica e o *habitus* do ofício do professor e também estão implícitos os discursos e abordagens teóricas que regem sua concepção e seus usos.

No que diz respeito à *circulação* e à *história conectada* sigo as orientações de Vidal¹⁹, que recomenda o uso das categorias para a compreensão das transformações que sofreram os modelos educacionais no entrechoque de culturas. Transformações que «indicam no corpo denso das ideologias a singularidade dos processos sociais e históricos e a originalidade das culturas escolares»²⁰. Essa perspectiva procura evitar, segundo a autora, a concepção etnocêntrica hierarquizante de que, muitas vezes, os estudos comparados estão impregnados.

Ainda de acordo com Vidal²¹, a *história conectada* se inscreve como uma opção alternativa à *história comparada*. A primeira não se preocupa em apenas colocar lado a lado dois ou mais países a fim de buscar a aproximação ou o afastamento de pensamentos sobre determinadas questões educacionais, tomando muitas vezes um deles como modelo a ser seguido pelo outro. Ao contrário, ela busca pelas conexões entre os processos de escolarização de nações diferentes, no lugar de marcar a imposição das práticas escolares do *país de referência* aos demais países considerados *atrasados*,

¹⁹ VIDAL, 2006.

²⁰ VIDAL, 2006: 245.

²¹ VIDAL, 2006: 245.

fortalecendo a ideia da relação de interdependência entre as práticas educativas de cada um deles. Nesse sentido, este trabalho, ao considerar as práticas educativas das escolas das cidades citadas, nos fornece elementos para a discussão a respeito do ensino nesses locais e as suas possíveis conexões.

Não se trata aqui de produzir uma comparação entre o processo de escolarização nos dois países, em certo tipo de história comparada, que se torna aproximativa, redundante e enganadora *a priori*, mas sim de propor a pesquisa e desenvolvimento de histórias conectadas como sugere Gruzinski²². O autor chama a atenção para a necessidade de se empreender o esforço em conectar culturas até então analisadas separadamente, uma vez que se torna tarefa «indispensável à medida que o processo de globalização está mudando inelutavelmente os quadros do nosso pensamento e, por conseguinte, as nossas maneiras de revisitar o passado»²³.

Para Vidal²⁴, se a ideia de uma história conectada soa eficaz para descortinar os modos como os saberes circulam, passando do local ao global, não responde ao questionamento sobre como tais saberes foram apropriados, a partir de um reemprego inventivo, ou de um consumo cultural ativo, como propunha Certeau²⁵. Para dar conta dessa ausência, a autora sugere a proposta de Gruzinski²⁶ que denominou de *mestiçagem cultural* o processo pelo qual dois ou mais mundos se entrecruzam, na recriação identitária de cada um. Aprender práticas similares em escolas de São Paulo e de Braga possibilita-nos uma visão da circulação de ideias pedagógicas no período, destacando as apropriações e mediações de seus usos, traduzidas na instalação de uma cultura material escolar específica nas escolas das duas cidades consideradas.

A tendência desse estudo é concordar com as ideias de Buffa, ao destacar que:

*Investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento) o espaço do poder (diretoria, secretaria, sala de professores) a organização e o uso do tempo, a seleção dos conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, os professores, a legislação, as normas e a administração da Escola. Estas categorias permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade*²⁷.

²² GRUZINSKI, 2001.

²³ GRUZINSKI, 2001: 89.

²⁴ VIDAL, 2005.

²⁵ CERTEAU, 1994.

²⁶ GRUZINSKI, 2003.

²⁷ BUFFA, 2002: 27.

A historiografia das Instituições, suas origens, seu desenvolvimento e suas contribuições para o desenvolvimento sociocultural, situa-se no âmbito da Historiografia das Instituições Educacionais, temática que vem delimitando espaço no campo da História da Educação. Trata-se de «um campo de investigação em que a instituição e a educação se articulam por ação dos sujeitos»²⁸. Esses estudos enfatizam o processo dialético que se concretiza, formalmente, no âmbito da Instituição Escolar, indicando que analisar os processos de criação, organização, estruturação e implementação estatutária, ou curricular, entre outras, das Instituições, constituem-se fontes para se compreender a História da Educação como um todo, em determinado tempo e espaço, ou seja, o processo de análise das fontes das Instituições Educacionais e de históriá-las amplia as possibilidades de compreensão da própria História da Educação. Com esta síntese sobre a perspectiva teórico-metodológica com a qual venho operando na relação empiria-teoria, busquei fundamentar os recortes que venho delineando e se materializam nas interpretações que questionam os pertencimentos sociais dessa infância pobre e com pouca visibilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das estratégias de escolarização primária nas cidades analisadas lança novas luzes sobre a questão educacional desses locais. A construção da pesquisa torna-se desafiadora, exigindo uma mobilização de uma gama diversificada de fontes. Considerando, assim, que os caminhos que estamos trilhando na pesquisa podem produzir novas investigações, posto que, os percursos da pesquisa, como salienta Ginzburg²⁹, apontam, deixam rastros, pistas que podem vir a ser explorados.

O período delimitado para a pesquisa (1903-1930) trata-se de um tempo novo para a educação. Assim, o diálogo com diversos autores e fontes estava por ser construído. A análise a partir do local de instalação das instituições, analisada a partir da perspectiva da micro-história, nos permite apreender certas particularidades, como a necessidade pela escolarização, as reações dos políticos da cidade quando pressionados pela criação de escolas e os demais seguimentos que compõem parte da cultura escolar.

A demanda por escolarização estava estreitamente relacionada à manutenção do regime republicano. Com o crescimento populacional nos grandes centros urbanos, era necessário um projeto educacional que desse conta da instrução e uniformização da massa populacional.

Por meio dos documentos analisados é possível perceber a mobilização da sociedade civil. Na ausência de soluções advindas da iniciativa pública, a sociedade civil encontrava caminhos para garantir estratégias de escolarização. Os estudos iniciais possibilitaram conhecer esse espaço político e entender os limites do setor educacional no início do período republicano.

²⁸ MAGALHÃES, 2004: 67.

²⁹ GINZBURG, 2006.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, José António; AZEVEDO, Rodrigo; SARMENTO, Teresa (2018). *A Escola do Magistério Primário de Braga (1897-1989): reflexões sobre os arquivos*. In MAIA, Cristina; RIBEIRO, Carla; BARROS, Armando. *Arquivos e Espólios de Ensino em Portugal*. Porto: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, pp. 53-92.
- AZEVEDO, Rodrigo (1993). *Os alunos do Liceu de Braga durante a 1.ª República*. Braga: Câmara Municipal de Braga.
- AZEVEDO, Rodrigo *et al.* (1999). *Experiências de exploração dos arquivos escolares*. In FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino. *Para a História do Ensino Lical em Portugal*. Braga: Universidade do Minho, pp. 79-105.
- AZZI, Riolando (1976). *Elementos para a história do catolicismo popular*. «Revista Eclesiástica Brasileira». 36:141.
- AZZI, Riolando (1986). *A romanização da igreja a partir da República (1889)*. In BRANDÃO, Carlos R. *et al.* *Inculturação e libertação*. São Paulo: Paulinas, pp. 105-116.
- AZZI, Riolando (1992). *A Igreja e o menor na história social do Brasil*. São Paulo: CEHILA; Paulinas.
- BEOZZO, José Oscar (1985). *Igreja e Estado no Brasil*. In FLEURI, Reinaldo Matias, org. *Movimento popular, política e religião*. São Paulo: Loyola, pp. 41-63.
- BUFFA, Ester (2002). *História e Filosofia das Instituições Escolares*. In ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio, org. *Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, pp. 25-38.
- CERTEAU, Michel de (2008). *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CERTEAU, Michel de (1994). *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- COMPÊNDIO DE CIVILIDADE PARA USO das famílias e dos Institutos Educativos de São Paulo *Escolas Profissionais do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus*. São Paulo: Livraria Editora Salesiana, 1916.
- ELIAS, Norbert (1993). *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar. Vol. 2: *Formação do Estado e Civilização*.
- ELIAS, Norbert (1994). *O Processo Civilizador*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. Vol. 1: *Uma História dos Costumes*.
- ESCOLANO BENITO, Agustín (2006). *La cultura de la escuela en el sistema educativo liberal*. In ESCOLANO BENITO, Agustín, coord. *Historia Ilustrada de la Escuela en España: dos siglos de perspectiva histórica*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, pp. 23-46.
- ESCOLANO BENITO, Agustín (1998). *Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo*. In VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustín. *Currículo, Espaço e Subjetividade: a Arquitetura como Programa*. Rio de Janeiro: DP&A, pp. 19-57.
- ESCOLANO BENITO, Agustín (2010). *Patrimônio material de la escuela e historia cultural*. «Linhas». 11:2, 13-28. Disponível em <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2125/1628>>.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves (2000). *Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil*. «Revista Brasileira de Educação». 14, 19-34.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro (2005). *Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa*. «Pró-Posições». Campinas: São Paulo. 16:1, 87-102. [Consult. 23 nov. 2021]. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643756>>.
- FREITAS, Marcos Cezar de, org. (1997). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- GINZBURG, Carlo (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GINZBURG, Carlo (2006). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras.

- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo (1991). *O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico*. In GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, pp. 169-178.
- GRUZINSKI, Serge (2001). *Les monds mêlés de la Monarchie catholique et autres «connected histories»*. «Annales. Histoire, Science Sociales». 56:1, 85-117.
- GRUZINSKI, Serge (2003). *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HILSDORE, Maria Lucia Spedo (2011). «Tão longe, tão perto». *As meninas do Seminário*. In STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara, org. *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol. II: Século XIX. Petrópolis: Vozes, pp. 52-67.
- HOBBSAWM, Eric J. (1990). *A Outra História: Algumas Reflexões*. In KRANTZ, Frederik. *A Outra História: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 18-33.
- KOSSOY, Boris (2000). *Fotografia e história*. São Paulo: Ática.
- KUHLMANN JR., Moysés (2002). *A circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX*. In KUHLMANN JR., Moysés; FREITAS, Marcos Cezar de, org. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, pp. 459-503.
- LEONARDI, Paula (2008). *Além dos espelhos: memórias e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo*. São Paulo: FEUSP. Tese de doutorado.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira (1986). *Perspectivas Históricas da Educação*. São Paulo: Ática.
- MAGALHÃES, Justino Pereira (2004). *Tecendo os nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: EDUSF.
- MARCÍLIO, Maria Luíza (1998). *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec.
- MARTINS, Ernesto Candeias (2015). *Infância marginalizada e delinquente na 1.ª República (1910-1926). De Perdidos a Protegidos... e educados*. Lisboa: Palimage; Terra Ocre.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de (1993). *Historiografia da educação e fontes*. «Cadernos ANPEd». 5, 7-64.
- PRIORE, Mary del (1999). *Apresentação*. In PRIORE, Mary del, org. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, pp. 7-18.
- VIDAL, Diana Gonçalves (2005). *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados. (Col. Memória da Educação).
- VIDAL, Diana Gonçalves (2006). *Culturas e práticas escolares: a escola pública como objeto de pesquisa*. «Revista Interuniversitaria Historia de la educación». Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca. 25, 153-171.